

PARTE I

O CONCEITO DE PERCEPÇÃO INCONSCIENTE

Nesta Primeira Parte de nossa Dissertação procuraremos realizar uma análise preliminar acerca do conceito de *percepção inconsciente*, buscando compreender *in abstracto*, i.e., da maneira mais geral possível: a que ele se refere, qual a natureza dessa referência, e como pode ser definido.

Com isso, nossa finalidade é a de ganharmos uma compreensão ampla do conceito de percepção inconsciente para que possamos, a seguir, analisar como Leibniz prova a existência real dessas percepções, e como elas efetivamente se inserem nos diferentes âmbitos temáticos em que o filósofo desenvolve seus argumentos no decorrer dos *Novos Ensaios*.

Antes de tudo, porém, uma questão fundamental precisa ser esclarecida: Não existe o termo ‘percepção inconsciente’ nos escritos de Leibniz. Se não existe o termo ‘percepção inconsciente’ nos escritos de Leibniz, não existe o conceito de percepção inconsciente na filosofia de Leibniz?

INTRÓITO

Tradicionalmente empregado por muitos estudiosos do pensamento leibniziano, tais como Russell, Adans, Jolley, Resher, McRae, Robinet, Deleuze, Ross, Ishiguro, entre outros, o termo ‘percepção inconsciente’ não foi utilizado por Leibniz em nenhum de seus escritos. Em seu lugar o filósofo lançou mão de termos como ‘percepção insensível’, ‘pequenas percepções’, etc, afirmando que por meio dessas o ser humano não era capaz nem de apercepção, nem de reflexão: “(...) existe uma série de indícios que nos autorizam a crer que existe a todo momento uma infinidade de percepções em nós, porém sem apercepção e sem reflexão” (NE, Pref., p.41).

Em vista disso, poder-se-ia interrogar acerca da validade de nossa pesquisa, dado que ela se propõe a examinar um conceito que aparentemente não existe. E pela mesma razão, poder-se-ia também questionar a validade do uso do termo ‘percepção inconsciente’ por parte daqueles estudiosos citados.

Contudo, apesar de ser terminologicamente correta, a crítica não pode ser estendida semanticamente ao pensamento de Leibniz, pois, de acordo com o filósofo, no que diz respeito aos seres humanos, apercepção é o mesmo que **consciência**: “apercepções ou consciências” (NE, II.xxvii.§23, p.190). De onde forçosamente se conclui que, se existem percepções sem apercepção, então existe o conceito de percepção sem consciência, e, portanto, existe o conceito de percepção inconsciente: “O estado passageiro que envolve e representa uma multiplicidade na unidade ou na substância simples não é mais que a chamada percepção, que devemos distinguir com cuidado da apercepção ou consciência” (Monad., §14, p.97).

Quanto à manutenção do termo ‘percepção inconsciente’, poder-se-ia ainda alegar que Leibniz se utiliza de um outro bastante aproximado, ‘inaperceptível’ (*inaperceptible*)⁵, pelo qual poderíamos formar ‘percepção inaperceptível’, livrando o leitor de um excessivo e dispensável vocabulário técnico.

Todavia, ainda que levando em conta sua razoabilidade, a crítica terminológica mais uma vez deve ser refutada, pois, de acordo com Leibniz, os animais também têm apercepção, apesar de não serem capazes de consciência. De onde se tira que ‘apercepção’ não é sempre sinônimo de ‘consciência’, mas apenas enquanto referente aos seres humanos, e que o termo sugerido, ‘percepção inaperceptível’, não pode ser empregado sem equívocidade, sendo mais correto o emprego daquele que sugerimos ‘percepção inconsciente’.

Eis por que os animais não possuem entendimento, (...) **se bem que tenham a faculdade de aperceber-se** das impressões mais notáveis e mais distinguidas, assim como o javali apercebe uma pessoa que grita para ele e vai direto em direção à pessoa (NE, II.xxi.§5, p.136).

Por fim, poder-se-ia ainda supor com justeza a possibilidade de Leibniz não ter se utilizado do termo ‘inconsciente’ por força de deliberação, dado que nele poderia ter visto algum inconveniente. Todavia, Leibniz parece nunca ter se pronunciado sobre o assunto. De modo que podemos considerar, por exemplo, que ele não se utilizou do termo apenas porque o mesmo ainda não havia sido empregado conceitualmente por ninguém:

Conceitualmente empregado em língua inglesa pela primeira vez em 1751 (com a significação de inconsciência), pelo jurista escocês Henry Home Kames (1696-1782), o termo inconsciente foi depois vulgarizado na Alemanha, no período romântico, e definido como um reservatório de imagens mentais e uma fonte de paixões cujo conteúdo escapa à consciência. // Introduzido na língua francesa por volta de 1860 (com a significação de vida inconsciente) pelo escritor suíço Henri Amiel (1821-1881) foi incluído no Dictionnaire de l'Académie Française em 1878⁶.

Assim, por conta desses argumentos, acredito termos limpo o terreno base de nossas investigações comprovando a existência do conceito de percepção inconsciente nos escritos de Leibniz. O que também nos autoriza ao emprego do termo relativo e nos coloca em acordo com a longa tradição de estudiosos que citamos acima.

⁵ Leibniz se utiliza do termo ‘inaperceptível’ por três vezes no *Novos Ensaios*, para se referir àquilo que chama *pequenas dores* não notadas pela alma. Cf. NE: II.xx.§6, p.130; II.xxi.§36, p.148.

⁶ Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.geocities.com/marcofk2/roudi.htm>. Arquivo consultado em 23 de dezembro de 2002. Referente ao verbete ‘inconsciente’ do *Dicionário de Psicanálise*, de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon: ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Editora Fayard: Paris, 1997. Traduzido para o português: *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1998.